REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 813

30 DE JULHO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

TEIXEIRA DE QUEIROZ

Foi ha uns vinte e cinco annos que o auctor da *Caridade em Lisboa* se nos revelou escriptor de primeira ordem.

Todos os que já n'esse tempo nos interessavamos pela litteratura nos lembramos do exito obtido por esse primeiro volume da *Comedia no Campo* e dos artigos que mereceu a auctorisados escriptores em escolas muito diversas educados. O artista conquistava-lhes o applauso pelos seus dotes de observador, primores de forma, e um certo perfume suavissimo que no campo se encontra, menos idealisado que no Julio Diniz, a quem alguns erradamente quizeram comparal-o, mas espalhado pelos contos fóra a mãos bastas, apesar da inspiração toda bebida na realidade.

Il faut chercher dans le vrai ce qui peut devenir poétique.

Ao pegar na penna Teixeira de Queiroz estava de acôrdo com Balzac.

Entrando na vida publica, tendo feito parte da vereação da camara municipal de Lisboa, medico e proprietario, lónge de abandonar as lettras, ora n'um encantamento episodico de poeta, ora movido por um impulso que o instiga á satyra e já lhe inspirou uma comedia representada no theatro de D. Maria, Teixeira de Queiroz progrediu sempre como homem de letras, conservando seu nome na gloriosa altura logo d'uma vez conquistada.

CHRONICA OCCIDENTAL

Depois da chegada d'El-rei, ainda uns dias houve em que na cidade se notou algum movimento superior ao costumado n'estes fins de julho. Animou-se a Arcada com os pretendentes atrazados, animaram-se as ruas com certo movimento proveniente da estada no Tejo dos dois couraçados inglezes e cruzador brazileiro.

Algumas festas houve offerecidas á officialidade do *Floriano Peixoto*, que pagou as amabilidades da recepção com o baile esplendido effectuado na tolda do cruzador, uma d'estas esplendidas noites que passaram. No dia seguinte partiam os brazileiros para a sua terra, deixando em Lisboa um grande numero de amigos.

O verão está devéras comnosco e poucos guardam memoria de mais intenso calor do que aquelle que nos queimou e requeimou durante alguns dias da semana passada. Maior foi durante essas horas a desanimação da cidade, onde só os que a isso eram obrigados se atreviam a atravessar as ruas durante as horas de sol.

Melhores dias já vieram depois, apezar dos máus agoiros de Escolastico.

As noites, essas tem sido maravilhosas; apenas umas duas ou tres ameaçaram rivalisar com as horas de sol. Os poentes já são menos opulentos em côres e nos tons esmeraldinos e de amethista correm do norte farrapos de nuvens, entre as quaes a estrella vespertina brilha com suave brancura, pequenina agora, muito agarrada ao sol.

As noites são de luar; mas este ainda não é o decantado, o qual veremos só para o fim do mez, que a lua nova é no dia treze.

Então saem todos os poetas a cantal-o, embora elle ultimamente lhe tenha descahido algum tanto da graça. Apenas por incidente, uma ou outra vez, o citam os modernos. A lua deve ser romantica, por força, que mais não seja, por gratidão.

As noites são de inteira paz.

Houve ahi uns dias de vento que expulsaram o calor; mas ás noites já não bolia ás vezes uma folha. Tudo era quietação. No Tejo a lua espelhava-se e não havia uma onda que enrugasse, como que n'um sorriso, a grande superficie tranquilla. Podiam abrir suas azas os sonhos e voar docemente sob o docel escuro, cravejado de diamantes. E que lindo está o céo agora, com Jupiter a brilhar toda a noite, a brilhar tanto, que tambem elle no Tejo pinta seus fogos iriados.

Tudo é paz excepto as noticias que nos chegam.

Ha dias chegou a Lisboa um telegramma dizendo que um commando boer entrára em territorios portuguezes de Moçambique, não se sabendo qual a direcção que depois seguiria.

Segundo affirmaram jornaes bem informados, foram tomadas todas as providencias essenciaes para que do facto não resultem consequencias que possam vir a incommodar o governo de Portugal.

Diz-se que o commando é acompanhado por grande numero de mulheres e de crianças e leva comsigo duas peças de artilharia e grande quantidade de gado muar.

Partiram já na direcção do ponto, onde se diz terem acampado os boers, os governadores dos districtos de Gaza e Inhambane. Algumas forças por-

tuguezas, por ordem do governador geral actualmente em Lourenço Marques marcharam já na mesma direcção.

Não póde por emqnanto dizer-se quaes as tenções dos boers, por isso que no ponto em que se acham podem facilmente regressar ao Transvaal, sendo-lhes tambem facil penetrar na Matabelandia ingleza ou nos territorios da companhia de Moçambique.

O presidente Kruger, actualmente na Hollanda, recebeu agora a noticia de ter fallecido em Pretoria sua esposa, companheira de muitos annos, que tão duros golpes soffreu ultimamente, tendo que separar-se d'aquelle que tão glorioso nome lhe dera.

E emquanto Kruger cada vez mais dolorosamente sente despedaçar-se-lhe o coração, tratam seus inimigos de premiar o general Roberts, o mais glorioso commandante das tropas inglezas, propondo em camaras que além d'um titulo honorifico, lhe seja concedida a bonita recompensa de duzentas e cincoenta mil libras esterlinas.

Quantas mais não daria elle para que tal guerra não tivesse começado, tal guerra onde um filho lhe ficou!

Fala-se de riquezas colossaes e ao lado se vê logo quanta desgraça ha na vida!

Um filho morto porque preço lh'o hão de pagar?

Que desgraças vão sempre por esse mundo, acobertadas d'oiro ou envoltas na mais horrivel miseria! Deem muitas mil libras a lord Roberts, perguntem á mulher por que se deitou ao rio com o filho ao cólo, quando já mortos cuidava os dois que deixára em casa, e os commentarios são identicos: desgraça, desgraça!

De que serve tanta sciencia, se ainda não soube dar cabo de tamanhos males como a guerra e como a fome? Razão tem Tolstoi para queixar-se d'ella, no fim do seu ultimo livro sobre a arte. A sciencia tambem, sciencias moraes, sociaes e physicas, parecem ter por unico fim tratar de manter o bem-estar dos ricos. O pobre, por emquanto, que tem lucrado com ella?... Ha de lucrar alguma vez; mas como lhe estão atrazando a chegada d'esse dia!

Entretanto falam-lhe de progresso e elle encanta-se com a palavra.

Um dos factos que está preoccupando Lisboa é a breve inauguração do systema electrico na tracção dos americanos. Deu a sua approvação logar a polemicas muito raras entre nós e parece que foi finalmente acceito tal como fôra apresentado em projecto. Alguns engenheiros distinctos, pró e contra, apresentaram na imprensa suas razões. Questões de sciencia.

Questão d'arte: fala-se em que brevemente se vae proceder a trabalhos de reparação na Sé de Lisboa.

Poucos se importarão com isso. A mim assusta-me essa noticia, muito mais que os perigos que possam provir d'uma corrente electrica n'um fio de cobre ás voltas pela cidade de Lisboa.

É que vejo o que aconteceu nos Jeronymos, na Madre-Deus, o que já na mesma Sé aconteceu e o que sempre está sobre as cabeças prompto a cahir, que é a espada de Damocles da falta de, já não digo conhecimentos, mas intuição esthetica dos nossos homens de estado.

Quem se importa com a arte em Portugal? Quem respeita essas ruinas que por ahi vemos, os monumentos que, orgulhosos, haviamos de mostrar? Ao lado da torre de Belem puzeram um gazometro, nas ruinas do Carmo um café de camareras!

Quem quer arte entre nós tem apenas o recurso de fechar os olhos e phantasiar, se é que para isso tem geito e pachorra. Não ha hoje ponto de Lisboa em que os olhos descancem gostosos, sem que um arripio nos corra pela espinha. Pois a civilisação estaria muito mais demonstrada olhando o povo de Lisboa carinhosamente para os edificios velhos do que deixando encher o céo de milhares de fios a cortarem-se, ligados a postes que destroem os mais lindos recortes dos altos da cidade.

Quem fala de velharias que mereça ser attendido? Ha de haver na camara quem ache uma vergonha as ruinas do Carmo. Já o ouvimos dizer um dia e a opinião já lá deve ter chegado.

Não ha talvez na Europa outro povo que assim se glorie de mostrar seu desprezo por quanto lhe possa recordar o passado. O peor é se fôr um symptoma muito triste do pouco que tambem lhe importe o futuro.

É d'ahi, não; é simplesmente desleixo, ignorancia, preguiça intellectual, favor politico do voto nas eleições, e sobretudo máo costume de encolher os hombros e dizer: foi sempre assim.

E esse é o maior erro, porque não foi tal.

João da Camara.

A CARIDADE EM LISBOA

AOS TOIROS

—

(Excerpto)

No domingo, pelas tres horas da tarde, era desusado o movimento de carruagens no centro da cidade. Os preços dos bilhetes para a toirada eram altos e apregoavam-se no Rocio. Rapazes, aos cinco, em carruagens de praça, passavam em grande batida. Cocheiros com ramalhetes nos chapeus cinzentos, nas cabeçadas e nas caudas dos cavallos laços de côres hespanholas, conduziam nos seus carros *manolas* de mantilhas brancas, sobre os cabellos levantados, os troncos envoltos em chales de Tonkin, a olharem com ar festivo os transeuntes. Em dois magnificos *breaks* de rodado alto, que introduziam no movimento grande ostentação, iam os toireadores, cavalleiros e de pé, rapazes conhecidos, vestidos com vestuarios caracteristicos. Os que conduziam esses *breaks*, puchados por cavallos brancos ajaezados á sevilhana, *pompons* e guizos nas cabeçadas, o azul e branco nacional enfeitando os arreios, eram tambem grandes amadores, de jaqueta justa com alamares de prata, calça unida á perna roliça, chapeus d'abas largas e duras. As senhoras da velha nobreza e as da triumphante burguezia, preferiam os *landaus* magestosos ou as ligeiras victorias: os seus chapeus de primavera encimados de plumas fluctuavam, os homens de casacos claros e binoculo a tiracolo olhavam-nas com leves sorrisos. O povo tambem corria ao divertimento, enchendo os americanos que seguiam brandamente como faluas, muitos em alegres magotes, a pé, pelas calçadas batidas do sol. Como os nobres e os ricos, o povo, sentia a sua exuberancia peninsular, o enthusiasmo amplificava-lhe os desejos mal definidos e fazia-lhe esquecer as amarguras da vespera, caminhando contente e expansivo. Em diversos pontos rebentavam morteiros, cujo estoiro, grosso e baço, abrindo-se no amplo céu, annunciava a festa excepcional; ao chegar dos toireadores, uma girandola salpicara o ar de estalidos, e a limpidez do azul ficou maculada de pequenos novellos de fumo e de trapos de papel das bombas arrebentadas. Até as arvores em começo de florescencia, as trepadeiras que se debruçavam senhoris dos muros dos jardins, sorriam á passagem da multidão tão alegre. Apenas alguns mendigos, em differentes pontos do caminho da praça, estendiam a mão á caridade, apregoando com lamentos a miseria das suas chagas e andrajos. Porém, em momento tão de prazer, quem poderia attentar n'essas vozes de cuja sinceridade se poderia duvidar? Para a caridade collectiva se trabalhava; os soffrimentos que pelo mundo houvesse, com uma escripturação e um registo, seriam attendidos. As seis lettras doiradas, de meio metro, que Jesuino trouxera da frontaria do Arsenal e da portada do bazar, ali estavam pregadas no bojo da praça de toiros, compondo a magica palavra *Esmola*.

A toirada ia principiar.

*

* *

Enchiam-se os camarotes, povoavam-se as bancadas da sombra e do sol. Em todos os rostos signaes de expansibilidade e interesse. O matiz dos vestuarios, realsado pela abundante luz, incendiava de alegria os corações. Palavras avulsas, sussurro de conversações, remexida constante dos que chegavam, dos que se deslocavam, dos que entravam e sahiam... tudo exprimia a animação caracteristica d'esta especie de espectaculos ao ar livre, n'uma atmosphera calida, com exuberancia de sensações e desejos.

A praça ornamentada de colchas antigas, cobrejões alemtejanos, festões de verdura e muitas flores, formava um conjuncto animado e hilariante. Nos camarotes principiavam a apparecer rostos triumphaes de senhoras novas, vestidas de claro, n'um aspecto festivo. Tudo se ia enfeitando de sorrisos, olhares curiosos, rostos alegres e moços. Cumprimentavam-se d'um para outro lado com acenos; falavam-se os amigos que estavam proximos, trocando impressões. As fanfarras tocaram o hymno real, os monarchas assomaram á frente da tribuna e deram um olhar de conjuncto á praça, circulando depois a vista com lentidão... A musica terminara, houve um sussurro a que se seguiu um apasiguamento, como na chegada de onda alterosa, que logo se espraiasse. Os camarotes pareciam cestos de flores e plumas, o amphitheatro uma tela salpicada de peitilhos brancos e chapéus de palha. Toda esta garridice de sons e cores enchia o espaço de jubilos.

Pouco se esperou para que entrassem na vasta arena os primeiros elementos do interessante espectaculo. Uma soberba mula, com dois lacaios ao freio, conduzia de carga dois caixotes cobertos por um panno de velludo carmezim, franjado d'oiro e armoriado. Quatro rapazes, galhardamente á campina, é que guardaram na trincheira esses bahus, onde estavam as bandarilhas. Logo a seguir appareceram outros seis rapazes, todos vestidos de setim, em pagens de côrte, cabelleira empoada, casaca curta e redonda, colletes bordados, calção, meia de seda, sapato de fivela, e na cabeça o gracioso tricorne com que cumprimentaram, primeiro a familia real, depois os camarotes conhecidos. Seguiam-nos doze forcados, á moda do ribatejo, como os que forneceriam as bandarilhas, uns e outros de jaquetas azues e colletes de velludo amarello, o calção de picotilho fino, côr de grão, meia branca d'algodão, sapato branco, com salto raso de prateleira. Encostaram-se ás suas forquilhas doiradas, cumprimentando para distancia com as carapuças verdes de grosseira lã. Todos os que haviam entrado, formaram com duas alas uma larga rua ao centro da praça, para a solemne entrada dos cavalleiros, que eram quatro, montados em magnificos ginetes, que faziam estremecer a terra com a soberba do seu andar, o mastigar dos freios e a ondulação dos penachos no cimo das cabeçadas. Apesar do estridor e impeto dos metaes das duas fanfarras, que desde o começo tocavam, só agora o circo se conheceu verdadeiramente cheio. Os cavalleiros vinham imponentes, garbosos e montavam com elegancia. Todos de côres differentes: as fartas abas das suas casacas de setim eram direitas e cobriam parte dos telizes bordados a oiro. O calção de velludo, côr de pombo, muito justo, bota molle, alta até ao joelho, deixava vêr a meia branca, que subia á coxa. A camisa, cujos botes sahiam do collete de setim bordado como as casacas, tinha um collar alto e redondo, d'onde pendiam rendas. Sobre a cabelleira de estriga com rabicho, traziam o tricorne emplumado com que cortejaram, logo ao apparecer, a tribuna real, baixando-o n'um movimento lento, com a copa para cima.

Entraram solemnemente, ao passo cadenciado dos cavallos briosos, como outr'ora os pelejadores nas justas. Reluziam os metaes dos arreios, scintillava a prata e o oiro das casacas vistosas e das esporas, e elles, firmes nos seus estribos de pau, bem aprumados nas sellas, levantavam as cabeças e os olhares, com a mão firme na redea. Outros quatro animaes de menos rico ajaezado, arção alto e peitoril simples, sustentados por lacaios com as mãos nas cabeçadas, conservaram-se, dois de cada lado da larga porta, por onde todos haviam entrado. Eram os animaes destinados á lide do toiro, visto os rinchões e apparatosos, serem apenas adequados ao ceremonial das cortezias. Estas principiaram no meio de attenção geral: primeiro aos monarchas, caminhando até junto da tribuna, para ahi, com os tricornes baixos até ao pescoço dos cavallos, saudarem; depois evolucionaram em roda da praça, sempre de frente para o publico, a quem cumprimentavam e que os applaudia ruidosamente na passagem. Outra vez juntos no ponto de partida, subiram até ao meio da praça, separando-se ahi n'um andar lateral, como um rio que se bipartisse. Os cavallos mordiam com orgulho os freios luzentes, n'uma obediencia contida, sugeitando as suas vontades á severa mão de redea. Fizeram-se ainda mais evoluções, circulares e em esquadria, recuando e avançando, sempre no mesmo aprumo e donaire, até que desappareceram pela porta por onde haviam entrado, seguidos dos cavallos de lide. Eram quatro horas passadas: o calor excitava a pelle, a luz feria a vista, o cheiro das flores e o perfume das pessoas enlanguescia. Houve um curto espaço de suspensão, em quanto não apparecia o primeiro combatente: os forcados tomaram os seus logares por baixo da tribuna real; dois pagens, vestidos de setim, esperavam tendo na mão as bandarilhas que haviam de entregar ao cavalleiro, os toireiros de profissão e os amadores saltaram á trincheira. Havia n'aquella multidão silencio religioso: appareceu Fernando de Castro, montado n'um cavallo branco.

Muitos corações palpitaram n'este momento, muitos olhos se humedeceram de goso, muitas imaginações voaram até eo céu azul, n'um anceio indefinido e terno. Era a primeira vez que toireava em publico e algumas pessoas receavam do seu estado nervoso, em situação tão apparatosa. Porém os capinhas profissionaes, logo que Fernando, depois de ter offerecido esta sorte á familia real, tomou o seu logar em frente do curro, prepara-

ram-se para o defender, ou, para melhor lhe excitarem o animal, se sahisse abanto ou malesso. Estava tudo a postos, o ferro na mão e elle firme e audacioso na sella, como se junto d'uma ponte levadiça esperasse a saudação ou o combate. Metteu-se dentro do seu terreno, deixando ao toiro que ia apparecer, a parte da arena que lhe competia. Um som lento de trompa, como nas edades antigas, fez-se ouvir. A pequena porta do curro foi aberta; o animal arrancou vistosamente, com grande brilho e bravura, cabeça levantada, olhar inquieto, mas franco. Logo se viu ser boiante, claro e simples na sua selvageria, e que seguiria sem desconfiança, nem malicia. Fernando aproveitou com serenidade este avanço espontaneo do toiro, citou-o á meia volta, quadrou-se com elle e logo que o teve na jurisdicção, metteu-lhe com firmeza o ferro. Tomou immediatamente o cavallo na mão, entrando de novo no seu terreno, visto que o animal, depois de enfeitado, acceitara o engano do capinha, que lhe sahira á frente, afastando-se para a sua área, onde se quedou altivo, cabeça firme, a averiguar. Toda a praça se levantou n'um applauso unisono, dominada pelo mesmo enthusiasmo. Palmas, bravos, chapéus voando, saudações dos camarotes, a musica a tocar... tudo formava um conjuncto festivo de victoria. Fernando agradeceu, mas nervoso retomou a posição. Ia já armado de novo ferro, que um dos pagens lhe entregara, em quanto o animal com o forte cachaço enfeitado de côres nacionaes e escorrendo sangue, immovel no meio da praça, dava um longo mugido. Era grito doloroso, talvez de saudade pela formosa lezíria; um adeus aos seus companheiros e irmãos, que haviam ficado na mesma paisagem onde tinham nascido, pascendo socegados na relva querida, que os seus grandes olhos scismadores ambicionavam tornar a vêr!... Mas Fernando, com o cavallo ás upas, prepara uma sorte redonda: entra no terreno do animal, que citado não arranca logo, antes se conserva a observal-o com visivel colera. Quando o toireador já estava fóra do terreno da sorte, o animal fez menção de arrancar. Então o cavalleiro toma prestemente o cavallo na mão, affrouxa o andamento, deixa que o animal lhe chegue á jurisdicção, e com um movimento rotativo do tronco, voltando-se para a garupa, alarga o braço e, vendo-o humilhado, crava-lhe o ferro obtendo prompta sahida. Este remate de sorte, com presteza e rapidez executada, teve magnifico exito. Todos de pé, no amplo amphitheatro, applaudiam palmeando, com os braços estendidos para a arena. De boccas enthusiasticas sahiam bravos, juntamente com o nome de Fernando. Os mais distantes agitavam lenços brancos, que pareciam azas de pombas a voar; ramos de flôres e outras dadivas iam cahir junto do cavallo. A gente do sol applaudia com abundancia, alguns com ar descomposto; dos camarotes faziam-lhe acenos familiares com leques, o que elle agradecia inclinando levemente o tronco.

Sobre o chão plano, coberto de saibro grosso, os dois capinhas, ao mesmo tempo que se interessavam na ovação, vigiavam o bello toiro, que se conservava distante da trincheira, cabeça levantada, olho fulgurante, peito largo, firme nas penas nervosas, enfeitado com um par de bandarilhas no cachaço. O seu aspecto de assombro, correspondia ao estranho quadro que a sua pureza selvagem presenciava! Nunca n'aquella imaginação virgem o teria sonhado! Por isso um novo e ululante mugido sahiu da sua bocca. O som triste como badalada de bronze, amplificou-se e diluiu-se no infinito azul. Parecia grito de raiva pungente, pois escarvava na terra; mas tambem seria nova lembrança da verde campina, da espelhenta superficie da agua, onde á tarde se descedentava, ou da côr poente do sol, que era um fogo, ou do silencio crepuscular e triste que a ausencia da luz deixa... Movendo com lentidão a altiva cabeça, os seus olhos negros e redondos, pareciam ter-se fixado nas seis magicas letras, que, d'esta vez, a forte iniciativa de Jesuino usara em duplicado, para tambem dentro da praça apparecer a palavra *Esmola*, por cima dos camarotes das senhoras da grande commissão.

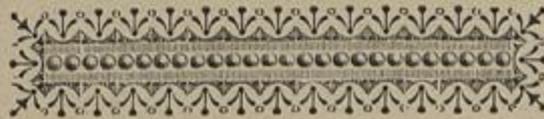
O animal, afastado o transitorio torpor, refeito na sua bravura, expontaneamente tomou attitude de combate. Os capinhas, com os seus quites, citaram-no para terreno em que melhor sorte daria. Mostrava-se um tanto parado, ainda que zeloso. Fernando encontrou-se de novo com o mesmo animal sem manhas nem crenças especiaes, prestando-se á lide com lealdade. Assim conseguiu pôr-lhe, com brilho, mais alguns ferros, e quando foi julgado bastante enfeitado, o publico exigiu a pega. Um rapaz franzino e nervoso, é que veiu collocar o seu estreito arcaboiço, deante da fronte energica e pensativa, que antes que arremettesse o contemplou. Era um dos forcados, vestido de jaleco de velludo azul, meia de algodão branco, carapuça de campino, que o provocava com palmas. Não se fez esperar a investida e o pegador n'um instante se encontrou entre as pontas, abraçado ao pescoço do toiro, que o sacudia no ar. Os onze outros forcados cahiram-lhe sobre todo o corpo e subjugaram-no, deixando-o depois só, no meio da arena.

Logo a seguir entraram os mansos cabrestos, com os seus chocalhos d'um rouco badalar. Vinham lampeiros e descuidosos, no seu trote cadente, acossados pelos pampilhos. O animal da lide, mal os sentiu, logo se lhes juntou, conhecendo-se afagado por este carinhoso encontro dos seus bons companheiros. Antes de entrarem na larga porta, que se abriu para os recolher, andaram mais de uma vez em volta da praça, como n'uma viagem ao logo d'um carril da lezíria. Eram estes os amigos com quem viera de longe, atravez de sitios que pela primeira vez vira. Com elles reciprocamente se roçava, sentindo n'esse contacto, talvez conforto; com elles entrou na porta que lhes haviam franqueado para o receber.

A praça ficou desoccupada e nos primeiros momentos houve um sentimento de ausencia, logo substituido pelas vibrantes acclamações. A febre dos olhares e dos labios denunciavam enthusasmo em todos os peitos. Fernando mostrara qualidades de serenidade sagaz, raras n'esta arte do toireio, feita de enganos e surprezas. O nome victorioso era ao mesmo tempo pronunciado por milhares de boccas no meio do estrondear das palmas. Só o tempo indispensavel para demonstrar e logo appareceu, no seu vestuario scintillante, sorrindo e impressionado. Os bravos e ovações choviam de toda a parte sobre a sua cabelleira branca, que tão bem lhe ia á pelle rosada. Estava radiante no meio dos seus amigos prompto a receber o galardão da sua destreza.

Teixeira de Queiroz.

*

Com a devida venia transcrevemos do livro *A Caridade em Lisboa*, do primoroso escriptor sr. Teixeira de Queiroz, o excerpto que se lê, certos de que os nossos leitores estimarão ler esta bella pagina de prosa, que lhe despertará o desejo de lerem o delicioso livro d'onde é extrahida.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISITA DE SUAS MAGESTADES AOS AÇORES

As gravuras que sob o titulo acima publicamos, são copias de photographias enviadas por nossos solicitos correspondentes, e representam as festas com que os habitantes da Madeira e dos Açores solemnisaram a visita de Suas Majestades, e de que nossos leitores já tem conhecimento pelas cartas publicadas em os n.os 810 e 812 do OCCIDENTE devidas á pena de um nosso illustre collaborador que acompanhou os monarchas na viagem.

As gravuras hoje publicadas não vem mais do que confirmar as descripções já feitas das festas e enthusiasmo com que aquelles povos receberam a visita de Suas Majestades.

Por toda a parte se levantaram arcos de triumpho, se ergueram pavilhões para receber os regios visitantes e mais que tudo isso foi a expontaneidade, a sinceridade das ovações feitas ao chefe do Estado, expandindo todo o amor de um povo aos seus monarchas.

MEDALHA COMMEMORATIVA DA VISITA REGIA ÁS ILHAS ADJACENTES E DA EXPOSIÇÃO DE PONTA DELGADA

A medalha que reproduzimos em gravura foi mandada cunhar na Casa da Moeda para ser conferida aos expositores premiados na exposição de Ponta Delgada, realisada por occasião da visita regia.

É seu auctor o sr. Venancio Pedro de Macedo Alves, primeiro gravador da Casa da Moeda, que n'este trabalho, como em muitos outros que tem desempenhado, provou mais uma vez a sua competencia artistica.

D'esta medalha cunharam-se 55 exemplares em cobre, 25 galvanisados a ouro, 50 galvanisados a prata e 4 de ouro.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1893-1894

Nada menos de nove primeiras damas, quatro primeiros tenores, quatro primeiros barytonos, tres primeiros baixos, passaram pelo palco de S. Carlos, durante a epocha de 1893-1894!

E foi quando o numero de recitas de assignatura baixou a 50, quasi metade do que era n'outros tempos, que o numero de primeiras figuras quasi duplicou!

É possivel que este processo seja vantajoso para o emprezario, visto não serem abonadas despezas para viagens a esses artistas.

O que porém, é certo, é que para os frequentadores não era satisfação vêr desapparecer os artistas, justamente, muitas vezes, quando mais agradavam! Acontecia até, ás vezes, não haver tempo para bem se apreciarem os artistas, pois tão curta era a sua apparição, e em tão poucas recitas era permittido vêl-os e ouvil-os, que muitas das suas qualidades, e dos seus defeitos, escapavam á vista e ao ouvido dos espectadores! Nem tempo havia, ás vezes, sufficiente para os ouvidos dos espectadores se familiarisarem com o timbre de certas vozes dos cantores, que com a repetição das audições muito ganhariam em agrado, nem para comprehenderem certos effeitos de harmonia, e muitas das bellezas das composições, modernas para Lisboa, e ainda pouco ouvidas, de Wagner!

De resto, o systema que, nos ultimos tempos, muito se tem generalisado, nos theatros lyricos da Europa e da America, de se fazerem ouvir os cantores, e em particular as celebridades, em mui limitado numero de recitas, cantando por toda a parte, sempre os mesmos trechos, ou banaes, ou sediços e obseletos, já ouvidos ou vistos á saciedade, é altamente anti-artistico, e denota grande decadencia na arte lyrica.

Assim, n'esta epocha, passaram mais ou menos rapidamente, não ficando escripturados por toda a epocha, que era apenas de tres mezes, entre outros artistas, Andrea Carrera, Hariclée Darclée, Teresa Arkel, Michele Mariacher, Valentin Duc, Giuseppe Kaschmann, Victor Maurel, Eugene Laban, etc. A dama Arkel, que já no anno anterior bruscamente cessára de cantar, tambem n'esta epocha devendo fazer 6 recitas, apenas cantou em duas! Maurel tambem não chegou a cantar todas as recitas em que devia figurar na scena de Lisboa!

No elencho da companhia lyrica, de 1893-1894, figurava o nome do tenor allemão Alfred Rittershaus, que devia cantar na opera *Walkyria*, de Wagner; mas nem esta opera subiu á scena de S. Carlos, nem chegou a debutar aquelle tenor, apesar de se conservar em Lisboa durante toda a epocha lyrica.

No anno de 1894, um novo theatro se inaugurou em Lisboa, destinado a n'elle se representarem todos os generos de composições lyricas, dramaticas e comicas, que recebeu o nome de D. Amelia, em homenagem á rainha D. Amelia de Orleans, esposa de El-Rei D. Carlos I.

Foi no dia 22 de maio de 1894, 8.º anniversario do casamento da rainha D. Amelia com D. Carlos, que foi inaugurado aquelle theatro com a operetta *La figlia del tambore maggiore*, de Offenbach, por uma companhia italiana.

O theatro D. Amelia foi edificado, em terrenos pertencentes á casa de Bragança, na rua do Thesouro Velho, hoje Antonio Maria Cardoso, no local onde estava uma officina de carruagens, e cocheiras de carroças da fabrica visinha de cerveja. Começaram as obras em junho de 1893, sende demolidos, um palheiro, as cocheiras, as officinas e uma casa de moradia. Havia um grande portão de ferro, tendo por cima do vão as armas reaes esculpidas em cantaria, do tempo de D. João V; tudo foi apeado para a construcção do theatro.

Foi uma sociedade de capitalistas, composta de Guilherme da Silveira, antigo actor; Visconde de S. Luiz de Braga, Antonio Ramos, Celestino da Silva, Miranda e outros, que comprou o terreno á casa de Bragança por 90:000$000 réis, pagos em 30 annos, a 3:000$000 réis por anno, podendo o contrato finalisar no fim de 15 annos, se, n'esta epocha, o principe real, já então de maior edade, não ratificar a concessão, mediante uma indemnisação. No fim de 30 annos os terrenos e o theatro ficarão sendo propriedade da casa de Bragança.

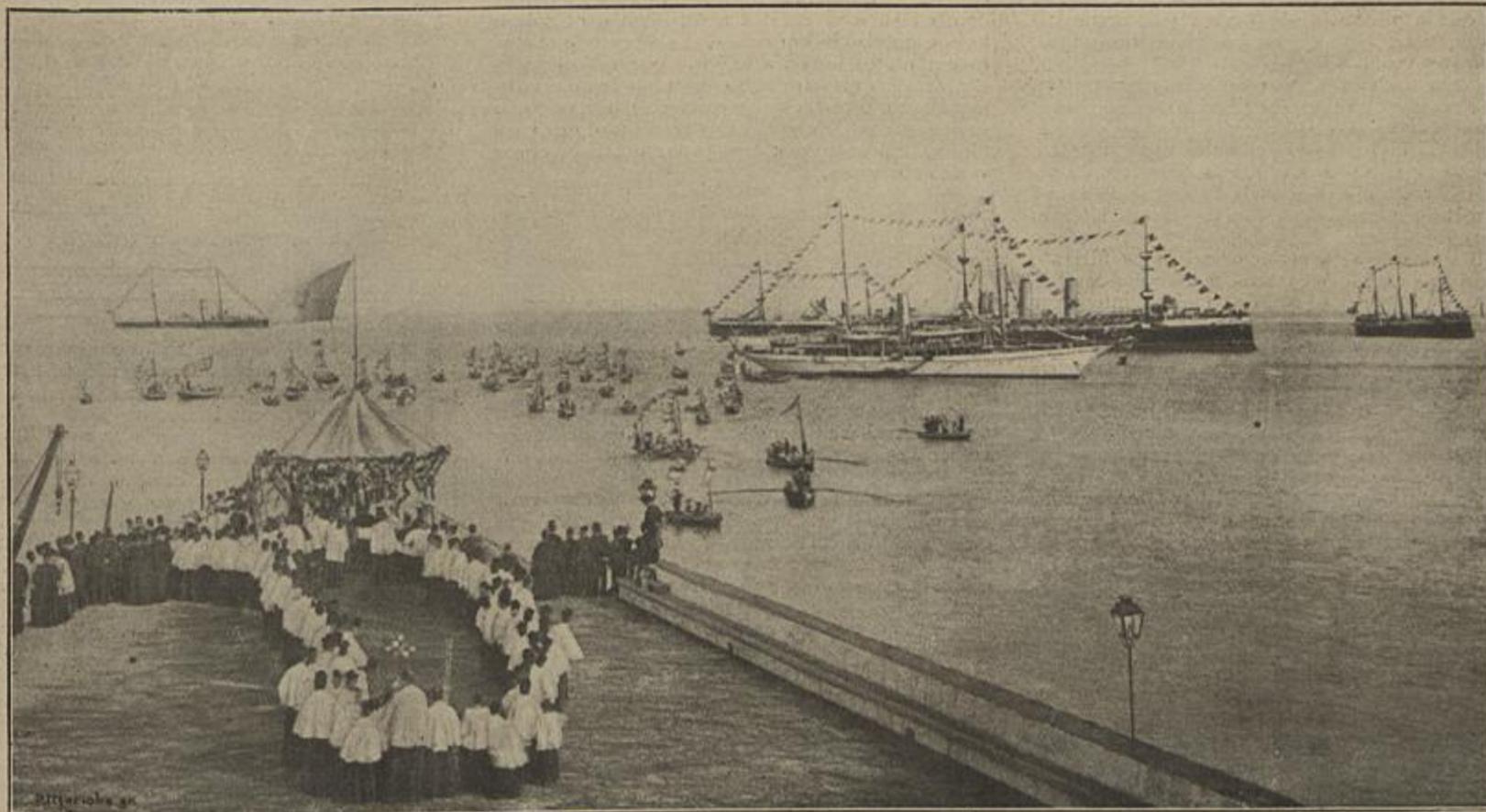
A construcção, incluindo as demolições, fez-se rapidamente, pois ficou concluida, proximamente, em onze mezes.

A traça é a dos theatros francezes contempo-

Visita de Suas Magestades aos Açores

CHEGADA DE SUAS MAGESTADES A PONTA DELGADA — A DIVISÃO NAVAL PORTUGUEZA E OS CRUZADORES INGLEZES «AUSTRALIA» E «SEVERN»

DESEMBARQUE DE SUAS MAGESTADES NO FUNCHAL

Visita de Suas Magestades aos Açores

DESEMBARQUE DE SUAS MAGESTADES NO CAES DA ALFANDEGA, EM ANGRA DO HEROISMO

raneos, o que quer dizer detestavel, debaixo do ponto de vista do conforto e commodidades do publico. Em compensação mette muita gente; é verdade que de muitos logares se não vê, ou vê pouco e mal, e se não ouve distinctamente.

A impressão primeira é agradavel á vista; o aspecto é bonito. Tem boas pinturas no tecto e nas paredes do *Foyer* e do botequim, e vistosas e ricas ornamentações douradas.

O palco scenico tem pequena profundidade.

A largura da caixa do theatro é acanhada; no proscenio é muito inferior á do theatro de S. Carlos. As paredes lateraes, dando para o largo do Picadeiro e rua do Thesouro Velho, ficam quasi ao pé dos bastidores. A ultima scena detraz quasi que toca na linha dos camarins, tornando-se difficil o serviço, e o movimento do pessoal dos espectaculos por traz dos bastidores e scenario.

A sala dos espectaculos tem dois balcões, um na 1.ª ordem, outro na 2.ª, que afogam os camarotes, a geral e a platéa.

Os camarotes da 1.ª ordem estão em dois differentes niveis; os quatro perto da scena ao nivel do 1.º balcão; os restantes mais elevados, o que é de muito mau gosto e pessimo effeito. Exceptuando os camarotes contiguos á scena, os outros camarotes de lado são mesquinhos; mal com-

ANGRA DO HEROISMO — Revista pecuaria no Paul — Arco triumphal

portam quatro pessoas, das quaes nem todas vêem bem o palco. Só os camarotes da frente são mais espaçosos, e permittem bem vêr a scena. As divisorias dos camarotes são apenas delgados e desgraciosos tabiques, que se tornam incommodos, pois que as pessoas que estão á frente em um camarote tocam com os hombros e os braços nos camarotes visinhos.

Os camarotes de 2.ª ordem não teem portas, mas sim apenas reposteiros. As frizas não teem portas; são apenas constituidas por umas baixas e delgadas divisorias semelhantes aos camarotes de alguns circos; teem porém a vantagem de serem mais desafogadas, mais frescas, e d'ellas se vêr melhor a scena que dos camarotes lateraes superiores.

A illuminação a gaz era ao principio insufficiente irregular; posteriormente foi melhorada com bicos Auer de incandescencia. A ideia de introduzir a illuminação a gaz em um theatro moderno, que deve funccionar de verão, em logar da illuminação electrica, é um attentado contra as prescripções do conforto e da hygiene.

A ventilação é energica de mais, tornando se ás vezes tão incommoda, que é preciso corrigil-a ou moderal-a. Os espectadores dos camarotes da 2.ª ordem estão collocados entre os focos abrazadores e insalubres dos candelabros de gaz pela frente, e as correntes impetuosas de ar frio por detraz.

A saída para a rua do Thesouro Velho, hoje Antonio Maria Cardoso, é muito acanhada. É necessario muito tempo para dar vasão aos espectadores por este lado. Para o serviço de trens é incommoda, demorada, e de um desconforto perigoso.

Para o Picadeiro tem o theatro varias escadas exteriores de saída, nos diversos pavimentos, que serão de grande vantagem se se produzir algum sinistro.

A curva da planta, que limita a galeria superior é absurda, desgraciosa e incommoda, nas suas ligações dos flancos com o fundo, pois recua de fórma que tira aos espectadores a vista da scena.

Os flancos das galerias e camarotes de 2.ª ordem, junto á scena são quasi rectilineos e recuados. Pelo contrario os camarotes de 1.ª ordem junto ao proscenio teem uma curvatura, cuja saliente convexidade tira a vista aos outros camarotes proximos e mais elevados do mesmo lado.

O palco não tem altura em harmonia com o declive da platéa; ha n'esta, nos bancos posteriores, logares dos quaes se não vê os pés dos actores, quando ha outros espectadores adiante.

Para commodidade do publico, e maior facilidade de saída, em caso de sinistro, devia haver na platea uma coxia ao centro.

As condições acusticas da sala são boas para a musica, pelo menos para grande numero de logares. A declamação, porém, é prejudicada. Apesar de não serem muito grandes as dimensões da sala, comtudo as palavras dos actores não se ouvem bem nos logares que não estiverem perto da scena.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

FA SUSTENIDO

POR

Alphone Karr

LX

O que o Barão teria dito se não estivesse a dormir

Como dissemos, o Barão tinha adormecido, sem o quê, teria alterado o texto do Athanasio e proposto a emenda seguinte:

«Disse a menina que nenhum mal aconteceria, que, desde que havia mundo, já tinha morrido tanta gente que decerto a terra era só composta de pó humano e que uma rosa, fosse apanhada onde fosse, não teria deitado raizes, por pequeno que fosse o espaço occupado, senão em sitio onde houvesse um corpo restitutido aos elementos.»

Como Athanasio o contára, Krumpholtz effectivamente trouxera a rosa no dia seguinte, mas ficára com ella toda a noite e era isso o que queria. Toda a phantastica historia do cemiterio inventou-a *ex-abrupto* para ficar toda a noite com a rosa, e assim cumprir o que promettêra a outra mulher que lh'a tinha dado e que propuzéra esse preço fosse ao que fosse, que naturalmente o Conrado muito desejava conseguir.

Tempos depois Krumpholtz deixára de vir a casa da amante e signaes muito visiveis da pouca resistencia da menina obrigaram os paes a deixar com ella a Residencia e a espalhar, depois de a haverem deixado em casa d'uns parentes que moravam muito longe, a historia que o Athanasio contava, historia em que tanta mais gente acreditou quanto é certo, que a primeira parte, sem que se pudesse saber como, tinha transpirado cá para fóra e durante certo tempo preoccupado cerebros vasios e ociosos.

LXI

De volta a Ober-Wesel, sentiu que não podia viver muito e ao mesmo tempo que morria sem soffrer, não, como muitos dizem, como quem adormece, mas pelo contrario como quem acorda d'um sonho mau.

Estimou ver que ia acabar de boa vontade, sem se arreigar á vida, como certas arvores que ao envelhecerem ainda mais enterram no chão as raizes.

Percorreu todos os logares de que conservava lembranças. Depois, mandou que o deitassem n'uma sala toda forrada de seda, d'onde podia da cama alongar a vista pelo Rheno. Mandou que lhe enchessem o quarto de roseiras em flor e que no tapete e na cama semeassem folhas de rosa.

Um dia, sentiu-se tão fraco que cuidou nunca mais veria o nascer do sol.

Prohibiu aos medicos e a toda a gente a entrada no quarto; mandou esfolhar rosas de fresco colhidas, e, quando o sol se poz por detraz das nuvens que seus reflexos avermelhavam, mandou abrir as janellas e ainda um raio veio corar-lhe o rosto pallido e o travesseiro; sentiu frio depois, e fez um signal para que lhe fechassem a janella e accendessem o lume.

O sol desapparecêra, só deixando no occidente uma tinta amarellada, cada vez mais esmorecendo. Ouviu o Athanasio chorando aos pés da cama.

Fez-lhe signal para que se approximasse.

—Athanasio, disse-lhe, ver e ouvir chorar é mais uma dôr; se algum dia foste meu amigo guarda a serenidade em teu rosto. Com esse teu olhar inchado é um disparate n'este quarto, que tão risonho mandei compôr; a tua cara não diz com as petalas das rosas. Vai buscar uma garrafa de Kirschen-wasser e bebe á minha saude o copo da vardasca; pois vou fazer uma viagem em que tu não me acompanhas.

O Athanasio assim fez. Quiz Krumpholtz por suas mãos encher o copo, mas já não teve forças.

—Vamos, disse, está a carruagem posta e oiço os estalos do chicote do postilhão. Dize-me: boa viagem!

Tomou folego e continuou:

—Meu caro Athanasio, não te esqueci no meu testamento; fui para ti um bom amo, não me recuses o que vou pedir-te.

N'esse momento, um outro criado veio falar baixinho ao Athanasio, que disse ao Conrado:

—Estão lá fóra parentes seus e amigos, que pedem chorando que os deixem entrar.

—Má recommendação, disse Conrado a custo. Entrem d'aqui a meia hora.

—V. ex.ª que desejava d'este seu criado?

—O que tenho a pedir-te e a que não me dirás que não, a não seres um ingrato, é que por uns minutos faças cara alegre e me cantes uma cantiga.

—Que quer que eu lhe cante? perguntou o Athanasio.

—O que quizeres, disse Krumpholtz arrastando as palavras, já cortadas pelo estertor, comtanto que não seja nem um *Requiem* nem o *De fundis* de que tens cara. Depressa, pois agora é que é importantissimo obedecer de prompto.

O Athanasio, arrastadamente, começou a psalmear, chorando:

Ao Rheno! ao Rheno!...

—Pois sabes cantal-o? disse o Barão soerguendo-se sobre o cotovelo e deixando-se logo cahir outra vez.

—Sei, sr. Barão.

—Em nome do céo, canta e apressa o compasso cá por causa d'uma coisa.

O Athanasio enxugou as lagrimas e começou outra vez:

Mas Conrado Krumpholtz não ouvira a cantiga toda; quando o Athanasio chegou ao *fa sustenido* deixou elle de existir.

Felizmente para elle!

Senão tinha vindo a saber que a tal Branca, motivo de seus doirados sonhos, a Branca que elle tanto em espirito e coração divinisava, a Branca que tomara posse do principio da vida d'elle e tanto lhe atormentara o fim;

Tinha vindo a saber que essa tal Branca Strœnitz, cujo ramo de florinhas azues elle achara e de quem comprara um lenço velho por duzentos florís;

Era essa mesma Branca de quem havia tanto tempo o Athanasio desdenhava; era a voz d'ella que em Paris lhe fizera ouvir mais um compasso da cantiga, quando quiz dar signal ao criado;

Era quem a cantiga tinha ensinado ao Athanasio, quem, enriquecida pelo testamento do Barão, havia de viver com o Athanasio n'aquella mansão, onde o Conrado debalde havia querido acordar lembranças que haviam sido o encanto da sua mocidade.

Tinha vindo a saber o que. havia muito, suppunha certo, que no fundo de nossos pezares e alegrias, até das mais intimas, nada existe.

LXI

A respeito do testamento de Conrado Krumpholtz, aqui temos o que houve.

Não lhe fizeram a mascara de gêsso.

Branca Strœnitz e o Athanasio acceitaram os diversos legados que lhes diziam respeito e casaram-se.

O Pedro Lowin, o homem dos oculos azues, gastou os dez mil florins com a representação por sua conta d'uma opera idiota que se cantou trez vezes.

As mulheres e raparigas de Ober-Wesel, que por felicidade se chamavam Brancas, acceitaram os quinhentos florins e deitaram fóra o ramo de flores.

O major Keller apostou os quinhentos florins n'uma corrida entre o cavallo legado pelo Conrado e o d'um dos seus amigos; perdeu, porque deu um trambulhão e partiu a cabeça n'uma pedra.

O Athanasio não deixou de reclamar os dez mil florins legados a quem terminasse a cantiga:

Ao Rheno! ao Rheno!

No Requiem cantado por alma do Conrado, só chorou uma pessoa: foi a filha do sabio, que, com a quantiasinha herdada por se chamar Branca, completou o dote e casou-se.

Em vez de flores que Conrado Krumpholtz havia pedido que lhe semeassem no tumulo, o Athanasio e a Branca acharam mais bonito mandar fazer uma columna em que foi gravado o panegyrico do morto e *as muitas saudades de quantos o haviam conhecido.*

Houve quem interpretasse a mal o cuidado dos herdeiros, dizendo que haviam posto aquella columna sobre o cadaver de Krumpholtz com medo que a *terra fosse em demasia leve,* não sahisse elle do tumulo.

Quanto a nós—não é para dizer mal de Branca e de Athanasio—só como these geral, affirmaremos,

Que:

Por enorme que seja a piedosa dôr d'um herdeiro, nunca será egual áquella que sentiria se o homem de quem chora a morte voltasse á vida.

FIM

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE I

A meteorologia do globo terrestre

CAPITULO I

Barometria

Os maximos superiores a este nivel são quasi sempre devidos a um precedente desequilibrio na columna barometrica, trazendo como consequencia a elevação do barometro a uma altura muito superior á normal, como restabelecimento do equilibrio anteriormente transtornado. Como, em geral, é no inverno que se manifestam as graedes depressões, assim de egual modo, n'essa mesma estação, são registados os maximos barometricos. A altura barometrica tende sempre para um nivel medio que, em Lisboa, é de 763,mm5 á altitude de 95m,2.

A minima barometrica observada em Lisboa foi de 730mm,8 (11 março 1895) e a maxima de 780mm,9 (30 e 31 janeiro 1898).

A' maneira que nos approximamos do Equador, esta differença torna-se menor. No norte da Europa, é frequente o barometro attingir um minimo inferior a 710mm e um maximo superior a 790mm.

A mais alta pressão até hoje observada foi de 808mm,7 (reduzida a 0°), em Barnaoul (Siberia), na altitude de 170 metros. Já em 1896, feita a mesma connexão se registou em Irkoutsck uma pressão de 808mm,4.

Com relação ás variações diurnas, nota-se que estas são, no Equador, maiores do que nos polos. É necessario não confundir. Ha pouco referiamo-nos ás differenças barometricas annuaes; agora occupamo-nos das variações diurnas. Dissemos que as variações annuaes de pressão eram maximas nos polos e minimas no Equador. Emquanto ás variações diurnas, succede o inverso. São maximas no Equador e minimas nos polos; além d'isso, no Eqnador, são estas tão regulares que facilmente pela sua observação, podemos concluir as horas do dia e da noite, sabendo-se, no emtanto, as horas em que estas attingem o seu maximo ou minimo. A parte do parallelo 30° que, como veremos, representa o limite dos ventos constantes, estas tornam-se menos regulares, devido á frequencia de grandes depressões barometricas. Por esse motivo, no nosso paiz, as variações diurnas não podem servir para o calculo das horas.

Durante o dia, em condições normaes, notamos na altura barometrica um maximo ás dez horas da noite e um minimo ás quatro horas da tarde, reproduzindo-se o mesmo facto, durante a noite, a horas semelhantes.

Variações diurnas a diversas latitudes

Latitude	Oscillação
0° ou Equador	2,7mm
5°,26	2,26
17°,53	2,5
23°,55	1,80
29,28	1,58
34,26	1,35
38 42 (Lisboa)	1,20
39,4	1,15
43,54	0,9
48,1	0,67
52,33	0,45
57,17	0,25
62,25	0,

Chamam-se *linhas isobaras*, as linhas que unem os pontos que teem a mesma pressão barometrica.

No equador, com relação a media annual, para a isobara de 758mm ao nivel do mar. Eis as isobaras a diversas latitudes, feitas, egualmente, as correcções devidas. A

A	0° latitude.	Pressão	media	758mm
»	5°	»	»	758,2
»	10°	»	»	758,5
»	15°	»	»	758,8
»	20°	»	»	760
»	25°	»	»	762
»	30°	»	»	764
»	35°	»	»	767
»	40°	»	»	762,5
»	45°	»	»	762
»	50°	»	»	761,5
»	55°	»	»	760
»	60°	»	»	758
»	65°	»	»	753
»	70°	»	»	755
»	75°	»	»	758

A altitude influe na pressão em razão inversamente proporcional.

Assim, reduzindo a pressão 0° temos:

	Altura	Pressão media
Ao nivel do mar	0m	760mm
No cume do Vesuvio	1.200m	660mm
Em Guatemala	1.480m	641mm
No cume do Etna	3.320m	510mm
No Monte Branco	4.800m	424mm
No Chimboraso	6.100m	360mm

Em media, por cada 10 metros que subimos, o barometro baixa um millimetro. Mas como a densidade do ar diminue com a altura, é necessario attender, para a medição das alturas pelo barometro, ao peso das camadas superiores que se vão tornando mais leves, ás temperaturas, variação da gravidade com a latitude e altitude, etc.

Eis a formula de Laplace empregada para esse fim:

$$Z = 16:000 \frac{H-h}{H-h}\left(1 + \frac{2(t+t')}{1000}\right)$$

sendo Z a differença de nivel entre os dois pontos — H e h, as alturas barometricas, e t e t', a temperatura dos dois locaes.

Empregam-se de preferencia, tabellas, as quaes abreviam o calculo, e nos dão immediatamente a altura em metros, correspondendo a uma differença de um millimetro na pressão atmospherica.

PRESSÃO	TEMPERATURAS 30°	28°	26°	24°	22°	20°	18°	16°	14°	12°	10°	8°	6°	4°	2°	0°	2°	4°
mm	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m	m
780	11,48	11,40	11,31	11,23	11,14	11,06	10,97	10,89	10,82	10,74	10,66	10,57	10,49	10,41	10 32	10,24	10,16	10,07
770	11 63	11,55	11 46	11,38	11.29	11.21	11.12	11,04	10.96	10,88	10.80	10,71	10.63	10.55	10.46	10,38	10,30	10,25
760	11,78	11,70	11 61	11,53	11.44	11,36	11.27	11.19	11,11	11,02	10,94	10.85	10 77	10,69	10,60	10 52	10,44	10,35
750	11,94	11.85	11,77	11,68	11,60	11,51	11,43	11.34	11,25	11,17	11,08	11.00	10,91	10,83	10,74	10,66	10,58	10,49
740	12,10	12,01	11,93	11,84	11,75	11.67	11.58	11,49	11,51	11.32	11,23	11,15	11,06	10,97	10,89	10,80	10,71	10,63
730	12,25	12,17	12,08	11,99	11,90	11,82	11.73	11,64	11,55	11.47	11,38	11,29	11.20	11.12	11,03	10,94	10,85	10,76
720	12,43	12,35	12 26	12.17	12,08	11.99	11,90	11,81	11,72	11,63	11,5[illegible]	11 46	11,37	11.28	11,19	11,10	11,01	10,92
710	12,61	12,52	12,43	12,34	12,25	12.16	12,07	11,98	11.89	11,80	11,71	11.62	11,53	11,44	11,35	11,26	11,17	11.08
700	12,79	12,70	12,61	12,51	12,42	12,33	12,24	12.15	12.06	11.97	11,87	11,78	11 69	11.60	11.51	11,42	11.33	11,24
690	12,98	12,88	12.79	12,70	12,61	12,51	12,42	12.33	12,23	12.14	12 05	11,96	11,86	11,77	11,68	11,59	11,50	11,41
680	13,16	13 07	12 98	12,88	12,79	12,69	12,60	12,51	12 41	12,32	11.22	12,13	12,04	11,94	11,85	11,75	11.65	11,56
670	13,37	13,27	13,18	13,08	12,99	12,89	12,79	12,70	12,60	12,51	12,41	12,32	12,22	12,13	12,03	11,93	11,83	11,73

Exemplos de calculo. — Qual a altura de uma torre, sabendo-se que a differença de nivel barometrico é de 4mm, e a temperatura de 20°, sendo a altura barometrica de 752mm junto ao solo, e de 748mm no alto da torre? Correspondem a 750mm (altura medio) e 20° de temperatura, segundo a tabella 11,51m. Logo: 11,51 × 4 = 46,04m, altura procurada.

2.° — Duranto uma tempestade, o barometro desceu a 725mm a 12° de temperatura. Altitude do logar = 95 metros. Reduza a altura ao nivel do mar.

A 12°,725mm corresponde a 11,55m. Ora $\frac{95}{11,55}$ = 8,22.

Logo, a altura será

725mm + 8,22 — 733,22mm

Para a reducção das alturas barometricas a 0° de temperatura, a tabella a empregar, é a seguinte:

Temp.°	660 mm	680 mm	700 mm	720 mm	740 mm	760 mm	780 mm	800 mm
0°	0,0	0,0	0,0	0 0	0,0	0,0	0,0	0,0
1°	0,1	0.1	0.1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
2°	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,3	0,3	0,3
3°	0,3	0,3	0,3	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4
4°	0,4	0,4	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5
5°	0,5	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,7
6°	0,6	0,7	0,7	0 7	0,7	0,7	0,8	0,8
7°	0,7	0,8	0,8	0,8	0 8	0,9	0.9	0,9
8°	0,8	0,9	0,9	0,9	1,0	1,0	1,0	1,1
9°	1,0	1,0	1,0	1,1	1,1	1,1	1,2	1,2
10°	1,1	1,1	1,1	1,2	1,2	1,2	1,3	1,3
11°	1,2	1,2	1,2	1,3	1,3	1,4	1,4	1,4
12°	1,3	1,3	1,4	1,4	1,4	1,5	1,5	1,6
13°	1,4	1,4	1,5	1,5	1,6	1,6	1,6	1,7
14°	1,5	1,5	1,6	1,6	1,7	1,7	1,8	1,8
15°	1,6	1,7	1,7	1,7	1,8	1,8	1,9	1,9
16°	1,7	1,8	1,8	1,9	1,9	2,0	2,0	2,1
17°	1,8	1,9	1,9	2,0	2,0	2,1	2,1	2,2
18°	1,9	2,0	2,0	2,1	2,2	2,2	2,3	2,3
19°	2,0	2,1	2,2	2,2	2,3	2,3	2,4	2,5
20°	2,1	2,2	2,3	2,3	2,4	2,5	2,5	2,6
21°	2,2	2,3	2,4	2,4	2,5	2,6	2,6	2,7
22°	2,3	2,4	2,5	2,6	2,6	2,7	2,8	2,8
23°	2,5	2,5	2,6	2,7	2,8	2,8	2,9	3,0
24°	2,6	2,6	2,7	2,8	2,9	2,9	3,0	3,1
25°	2,7	2,7	2,8	2,9	3,0	3,1	3,2	3,2

Exemplos de calculos. — Reduzir a 0°, a pressão de 750mm, sendo a temperatura de 25°. Para 750mm a correcção está entre 3,0mm e 3,1mm. Logo:

750 — 3,05 = 746,95mm

ou, em numeros redondos, 747mm.

CAPITULO II

Thermometria

Thermometria é a parte da meteorologia que estuda a distribuição do calor á superficie do globo.

O maior ou menor grau de calor de um corpo, é a sua temperatura.

Qual o valor real de um grau de calor?

Até hoje, a sua extensão não está bem determinada. Nas tres escallas thermometricas conhecidas, a extensão do grau é diversa. No emtanto, um grau de calor deverá sempre ser uma quantidade *a* constante, certa e determinada correspondente ao augmento de calor que um corpo recebe.

Para medir as temperaturas, empregamos o *thermometro* palavra derivada do grego e significando medição do calor.

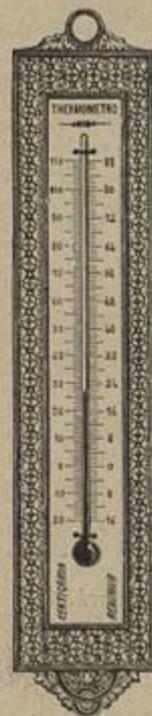
Fig. 5

O thermometro ordinario consta de um tubo de vidro terminado por uma esphera e fechado na parte superior. Na esphera, como em parte do tubo, existe mercurio, o qual, dilatando-se, eleva-se e comprimindo-se, baixa no tubo o que nos dá as differenças de temperatura.

Celsius determinou o zero do seu thermometro, mergulhando-o no gelo fundente, e no ponto de estacionamento da columna marcou zero; em seguida, mergulhou o instrumento n'uma atmosphera de vapor d'agua fervente, e no ponto onde o thermometro estacionou marcou 100°. Dividiu em espaços eguaes esse intervallo, continuando as divisões, para baixo de zero e para cima de 100. Cada espaço, corresponde a um grau.

A escala Reaumur differe d'esta em que, no ponto onde Celsius marcou 100°, Reaumur marcou 80°, de modo que cada grau Reaumur, é maior do que cada grau centigrado.

Fahrenheit mergulhando o thermometro n'uma mistura de gelo fundente e sal amoniaco marcou 0°, no ponto de estacionamento do mercurio, e 212° no da agua fervente. O zero das outras escalsa corresponde a 32° Fahrenheit.

A formula: $\frac{180}{F-32} = \frac{100}{C} = \frac{R}{80}$ indica-nos a relação das escalas.

Exemplo: 20° Reaumur, a quantos correspondem nas outras escalas?

$$\frac{F-32}{180}=\frac{20}{80}$$

ou F = — 4°.

De egual modo, para os centigrados:

$$\frac{C}{100}=\frac{20}{80} \text{ ou } C = -16^{\circ}$$

Chamamos temperaturas *positivas*, ás temperaturas acima de zero.

Indicam-se, precedendo-as do signal mais, ou ainda de nenhum. Assim querendo dizer 16°, acima de zero, indicaremos + 16° ou ainda 16°.

Chamamos temperaturas *negativas*, ás temperaturas abaixo de zero.

Indicam-se precedendo-as do signal menos, ou collocando este signal, sobre o algarismo dos graus, assim, querendo dizer que a temperatura é de 4° negativos, indicaremos — 4° ou 4°.

O thermometro apenas nos dá a temperatura approximada do ar; as radiações da terra, as nuvens, os corpos vizinhos, incluindo o do observador, etc., influem em alguns decimos de grau, na temperatura.

A côr dos objectos influe egualmente. Assim, Flammarion, tendo córado artificialmente dez thermometros, respectivamente de violeta, azul, anil, verde, amarello, laranja, vermelho, branco, verde garrafa e negro, obteve as temperaturas seguintes, ao sol: Negro, 65°. Verde, 64°. Anil, 63°,5. Vermelho, 62°. Laranja, 61°. Violeta, 60°. Azul e Amarello, 59°. Verde garrafa, 57°. Branco, 54°,5. A temperatura á sombra era de 29°. Estas côres não correspondem perfeitamente ás do espectro solar. Collocando um thermometro em cada uma das côres, obtidas pela de composição da luz solar por um prisma, observa-se que o calor augmenta successivamente do violeta ao vermelho, attingindo o seu maximo além d'este ponto (região invizivel).

Mas, todo o calor que o sol nos envia, não é accusado pelo thermometro. Para o calculo d'esta quantidade, empregamos o pyrheliometro. Não faremos aqui a descripção d'este apparelho, visto que o seu estudo pertence mais particularmente á astronomia.

Qual a temperatura do espaço?

Pela theoria mechanica do calor, se teve conhecimento de um zero absoluto, correspondente a 273° centigrados.

Zero *absoluto* é a temperatura na qual os corpos não teem calor algum. Se a terra deixasse de ser aquecida, as moleculas do ar radiariam o seu calor em todos os sentidos, resfriando se cada vez mais, visto que as perdas soffridas não eram compensadas. A sua densidade augmentaria, e emquanto umas cahiriam para a terra, outras elevar-se-hiam, produzindo duas correntes: uma *ascendente*, de moleculas frias, e outra *descendente*, de moleculas com algum calor. Se o espaço attingisse esta temperatura, a vida dos seres seria impossivel e o mundo converter-se-hia n'um deserto.

Observam-se no Sol, raios luminosos, calorificos e chimicos.

Fazendo passar os raios do Sol atravez de um prisma veremos as sete côrres do espectro. Este espectro visivel não nos indica tudo o que existe no Sol, mas sim é acompanhado d'outro, *invizivel*. As ondas luminosas d'estes raios solares teem por segundo, 700 a 800 trilliões de vibrações, as quaes nos dão a sensação da luz.

Para além do vermelho, existem as ondas do calor, e para além do violeta, as ondas de acção chimica.

Antonio A. O. Machado.

Recebemos e agradecemos:

A Dança Judenga — *Satyra por Bulhão Pato. — Typographia da Academia. Lisboa, 1901*

Ainda são os nossos velhos poetas os que mais trabalham. Dos escriptores portuguezes, em geral, póde quasi affirmar-se o mesmo. Assim, não é raro vêr retirar do convivio das letras, ao menor despeito, até ao menor signal de indifferença, ou ao simples silencio da imprensa, os novos escriptores, alguns cheios de talento e outros simples esperanças.

Quantos nomes poderiamos apontar d'estes ultimos e ainda d'aquelles primeiros que, após relativos triumphos e justificadas mostras de aptidões litterarias, se remetteram a um indesculpavel silencio, não dando até hoje signal de si. Talvez fugissem d'esta sereia da imprensa os que mal a entreviram, porque os velhos já disseram ser ella uma attracção irresistivel, quasi a par d'um vicio. Mas ainda se deve consignar um facto — infelizmente mais frequente do que seria para desejar, é que as cordas da lyra saudosa d'alguns d'esses moços poetas emudeceram ao gelido sopro da morte. E, recentemente, a sua memoria tem sido suscitada, com a publicação de collecções das suas poesias. Assim succedeu com os livros de Cesario Verde, de Gonçalves Crespo, e outros.

Maravilhoso é, pois, que sejam os poetas mais velhos os mais operosos. Deviam os moços, que sentem em si alguma scentelha divina, proseguir na carreira por alguns iniciada no meio de tantas esperanças.

Louvemos o ancião que de envolta com muitas poesias, que vae guardando, de vez emquando arremessa ao turbilhão da livraria um ou outro dos seus poemas.

A satyra *A Dança Judenga* consta de 76 graciosas quintilhas, em que se expõem á irrisão os feitos de tanto *judeu* que ha por este mundo.

E como o poeta nos pinta bem o estado actual da sociedade portugueza, que é em geral tambem o das outras nações latinas, mas o que o poeta resalva com esta sua quintilha:

N'outras terras tambem ha
Miserias, muitas miserias;
Mas são resgatadas lá
Por coisas grandes e sérias —
O que não succede cá.

E desenrolando o sudario elle verbera os nobres feitos á pressa, a carestia das subsistencias, as vexações do fisco, as indecencias ás noites nos espectaculos, tudo quanto lhe revolta a consciencia. E, não se atrevendo a pôr nomes, por dó ou por delicadeza, declara:

Um dia estas reticencias
Virão a ser preenchidas.
Com pessoaes referencias,
A varões de illustres vidas,
Mui sãos de suas consciencias!

Nada lhe escapa, desde os criticos, das mulheres até ao clero. Tudo lhe inspira essas ironias que ferem fundo, a não ser que a epiderme já curtida faça resvalar os golpes.

E para terminar esta simples noticia da graciosa satyra, copiamos este protesto e este pedido, que mostram bem toda a bella alma do brilhante poeta:

VISITA DE SUAS MAGESTADES AOS AÇORES

MEDALHA COMMEMORATIVA DA EXPOSIÇÃO DE PONTA DELGADA

Ha vinte annos o Ideal
Era — Justiça e Direito
Tudo em letra garrafal!
Que dizes do frio leito —
Meu pobre e grande Quental?!...

Descança teu coração
«Na mão direita de Deus»
Vê se Elle estende a outra mão,
E arranca alguns irmãos teus
Das fraguas d'esta paixão!

Encyclopedia Portugueza Illustrada — *Diccionario universal publicado sob a direcção de Maximiano de Lemos, com a collaboração effectiva de grande numero de homens de letras e sciencias — Lemos & C.ª, Successor — Largo de S. Domingos, 63, 1.º — Porto, 1901.*

Com o fasciculo n.º 110 concluiu-se o 2.º volume d'este opulento diccionario e o qual foi collaborado pelos srs. dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto, A. A. Ferreira de Carvalho, dr. A. J. Ferreira da Silva, dr. A. A. Costa Ferreira, dr. Clemente Pinto, Domingos Correia, dr. Domingos Ramos, Eduardo Sequeira, Ernesto Maia, Firmino Pereira, dr. Francisco Antonio Pinto, conselheiro Francisco de Paula Cid, dr. Francisco d'Azeredo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Filinto, J. C. de Oliveira Ramos, dr. João Figueiredo, João Francisco Nunes, J. N. Raposo Botelho, dr. João de Paiva, dr. Joaquim A. Cambezes, dr. Julio Henriques, Julio Portella, dr. Luiz Viegas, M. d'Oliveira Ramos, D. Miguel Sotto-Maior, Nuno Queriol, dr. Paulo Marcellino Dias de Freitas, dr. Ricardo Jorge, Ricardo Malheiros, Thadeu Maria d'Almeida Furtado, dr. Theophilo Braga e conselheiro Wenceslau de Lima.

Continúa a assignar-se tão importante obra em todas as livrarias e no escriptorio da empreza Lemos & C.ª, successor, Largo de S. Domingos, 63, 1.º, Porto. Em Lisboa são correspondentes os srs. Belem & C.ª, Rua do Marechal Saldanha, 26.

Gazeta dos caminhos de ferro — proprietario — director — editor — *L. de Mendonça e Costa* — 14° *anno* — *Lisboa*, 1901.

Continua merecendo os bons creditos de que sempre tem gozado esta importante revista, a unica da especialidade que entre nós se publica, e que já conta quatorze annos.

A sua selecta collaboração, a variedade das suas secções, o interesse crescente que a viação accelerada tem despertado em geral e a que esta revista corresponde tão dignamente, são predica dos que a tornam muito apreciada.

Com o numero 321 de 1 de maio ultimo foi distribuido aos seus assignantes o costumado brinde de annual, constituido por um primoroso mappa dos caminhos de ferro da Belgica, impresso com nitidez a mais absoluta, em excellente papel, com largas margens que lhe dão toda a elegancia. Não só n'elle se contêm a carta geral de todas as linhas, como os detalhes, em escala maior, de todos os pontos em que a rêde, sendo mais compacta, se torna menos comprehensivel na carta.

As linhas de terra e fronteiras são a côr parda; as linhas d'agua a azul, as vias ferreas, nomes das estações e de todas as cidades e principaes povoações a preto, e o titulo da *Gazeta* e a designação de brinde a vermelho.

As lisongeiras condições em que este bello mappa se obteve mostram a muita consideração que no extrangeiro tem sabido inspirar a antiga revista portugueza, pois que foi o proprio ministerio dos caminhos de ferro da Belgica que se encarregou de o encommendar á lithographia Ad. Mertens, a qual o executou com muita perfeição e rapidez.